
Sobre os textos que amamos uma leitura comunicacional das narrativas, dos sentidos e do sentir¹

Nuno Manna²

Resumo: Discussão sobre as bases do pensamento comunicacional e da constituição de um olhar relacional para apreender os textos narrativos como objetos de conhecimento. Recorre-se a pontos importantes da matriz pragmatista, do paradigma praxiológico de Louis Quéré e da concepção de narrativa de Paul Ricoeur, em busca de interseções e de contribuições para uma percepção das narrativas como objetos que conjugam ética, poética e experiência.

Palavras-Chave: narrativa; pragmatismo; paradigma praxiológico

Abstract: The article aims to discuss the foundations of the communicational thought and the constitution of a relational view to seize narrative texts as objects of knowledge. Important points of the pragmatist matrix, Louis Quéré's praxiological paradigm and Paul Ricoeur's conception of narrative are used in search of intersections and contributions to an understanding of narrative as objects that combine ethic, poetic and experience.

Keywords: narrative; pragmatism; praxiological paradigm

Pelo fortalecimento de um novo paradigma

É curioso notar que a pesquisa em comunicação no Brasil enfrenta hoje um impasse relacionado às bases do pensamento comunicacional. Gestou-se recentemente a impressão de uma suposta superação de um paradigma simplista e insuficiente para pensar os fenômenos da área. As críticas aos modelos lineares baseados em esquemas de estímulo e resposta alimentaram essa falsa sensação de superação a ponto de forçar adiante uma página que, ao que nos parece, ainda não está pronta para ser virada. A negação instantânea do paradigma informacional tornou-se uma resposta fácil para muitos estudos, ou até dada como pressuposto, mas raramente encontramos aqueles que

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho "Comunicação, Linguagem e Narrativas", do III Ecomig, UFJF, evento integrante do VII Encontro Regional de Comunicação, Juiz de Fora, outubro de 2010. É um dos três textos vencedores do prêmio Destaque Ecomig 2010. O Ecomig é o encontro dos cursos de Pós-Graduação em Comunicação do Estado de Minas Gerais, que reúne docentes e discentes da UFMG, UFJF e PUC-Minas.

² Jornalista e mestrando no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Sociabilidade (UFMG). nunomanna@gmail.com

verdadeiramente contribuem para a fundamentação e o fortalecimento de novas bases para o saber científico no campo.

Prova dessa fragilidade é que, ainda que pesquisadores de ponta no país deem a questão por encerrada, muito do que se produz em faculdades e programas de pesquisa continua contaminado, mesmo que discretamente, daqueles já criticados modelos. A necessidade de um fortalecimento dessas novas bases é patente para a consolidação não só de um tipo de abordagem rica e própria ao campo, mas para sua contribuição e sua tão buscada força dentro da comunidade científica. Compartilhamos com Vera França (2001) um incômodo com a falta de clareza das bases epistemológicas, fruto de uma negligência ou até mesmo de certo ostracismo no tratamento dos fundamentos teóricos de nossa área.

Longe de pretendermos resolver essa questão nesse trabalho, empreendemos aqui um modesto esforço que aponta nesse sentido, levantando algumas questões e visando a constituição das bases de nossa pesquisa maior, que se debruça particularmente sobre textos narrativos³. Ao mesmo tempo, essa busca pelo fortalecimento das bases epistemológicas e metodológicas dos objetos da comunicação não é só um capítulo inicial da nossa pesquisa, mas um de seus maiores objetivos de uma forma geral. A constituição das narrativas e, logo, sua apreensão por nós, analistas, está no cerne do nosso problema de pesquisa⁴. Recuperamos aqui algumas reflexões de autores que, a nosso ver, trazem contribuições valiosas para a constituição do paradigma da comunicação. Somos guiados por uma tentativa de esclarecer qual é uma abordagem propriamente comunicacional – e se insistimos nessa propriedade é porque acreditamos que ela tem algo a dizer que escapa a outros campos científicos – e, mais especificamente, pensar essa abordagem para a apreensão de textos narrativos. Tampouco é nossa pretensão abranger a complexidade do riquíssimo pensamento dos autores que recuperamos aqui. Buscamos pontos de suas teorias que iluminam nossa discussão, priorizando algumas interseções de suas perspectivas, assumindo de partida o risco de esquematizações que os objetivos e as limitações desse trabalho nos impõem.

Qual é o objeto da comunicação?

Como nos aponta Vera França, é notável que, passado um século dos primeiros estudos, a questão sobre qual é o objeto da comunicação ainda cause polêmicas. Existe certa tendência de circunscrever esse objeto atendo-se aos meios e produtos de comunicação de massa. No entanto, corre-se sempre o risco de tomar esses meios e produtos como autônomos e precisos no contorno da empiria, como se a própria eleição dos *media* já fundasse um estudo em

³ Em nossa pesquisa, tratamos de alguns domínios narrativos específicos, como o jornalismo e o cinema. No entanto, acreditamos que as noções sobre narrativas que levantamos neste trabalho são mais amplas, podendo se referir a quaisquer tipos de textos narrativos.

⁴ Temos como categoria de reflexão o fantástico, indagando-nos sobre como ele é constituído narrativamente, conjugando ética, poética e experiência.

comunicação. Mais uma vez, compartilhamos a visão de Vera França ao dizer que os objetos do mundo não são recortados por suas leis intrínsecas, mas constituídos e dispostos pelo olhar e intervenção dos homens: “[...] ‘objetos de conhecimento’ não se equivalem às coisas do mundo, mas são antes formas de conhecê-las: são perspectivas de leitura, são construções do próprio conhecimento” (França, 2001, s/p).

Dentro desse universo dos estudos dos *media*, outra questão se levanta. Se a frenética multiplicação de produtos, técnicas, formas e linguagens dos meios de comunicação contribui para certa sensação de vertigem para qualquer pessoa que tente acompanhar essa dinâmica, não é raro encontrar estudos que se perdem ao se preocupar excessivamente em absorver e readaptar constantemente suas teorias diante dessa multiplicação. É difícil não ser tomado pelo deslumbre numa era de abundância de possibilidades midiáticas. Concordamos com Vera França quando ela diz que a impressão é a de que,

[...] com tantas questões e aspectos mais atuais, mais estimulantes, mais “glamourosos” para estudar sobre a comunicação, seria perda de tempo, ou um movimento estéril esse de pensar o estatuto teórico da área (França, 2001, s/p).

Acreditamos que essa constante adaptação não seria necessária se houvesse uma base epistemológica firme para orientar estudos que ultrapassem a determinação superficial dos objetos. Mais do que isso, acreditamos que isso revela a fragilidade e a evanescência desse tipo de estudo. O que defendemos não é o endurecimento do olhar sobre as coisas. Pelo contrário, nos preocupamos enormemente com a preservação da complexidade do mundo sobre o qual nos debruçamos, evitando uma racionalização simplificadora das narrativas – e as teorias das narrativas às quais recorremos adiante são reveladoras disso. O que buscamos, então, é o nosso amadurecimento dentro de uma matriz que permita iluminar os diversos objetos de estudo e que dê, inclusive, espaço para suas especificidades.

Feitas essas considerações, reposicionamos a questão do título desta seção. O que buscamos, antes de tudo, é entender *como a pesquisa em comunicação constitui seu objeto de conhecimento*. Refletir sobre isso já é começar a colocar em questão a particularidade desse objeto e suas formas de apreensão.

Contribuições da matriz pragmatista

Depois de um longo período eclipsadas pelos famosos – e já muito criticados – estudos dos efeitos promovidos pela escola estadunidense em meados do século XX, as teorias dos pais do pragmatismo, Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey têm sido resgatada com afinco por alguns estudos da comunicação. Tais filósofos produziram uma matriz que contribui substancialmente para uma forma de enxergar e lidar com o mundo diferente daquela de um pensamento racional-positivista. Cada um desses autores tem uma obra complexa, vasta e particular. Por ora, interessa-nos não as singularidades de cada um, mas a percepção de alguns elementos dessa matriz que os unem. Apoiamo-nos em Thamy Pogrebinschi (2005), que sintetiza esse

núcleo comum entre os três autores. A autora aponta três principais características no pensamento pragmatista: o *antifundacionalismo*, o *consequencialismo* e o *contextualismo*.

A respeito do antifundacionalismo, Pogrebinschi diz que os pragmatistas negam que o pensamento seja passível de uma fundação estática, perpétua, imutável. Empiristas por excelência, eles recusam os tradicionais conceitos filosóficos de verdade e realidade – não a ponto de negá-los, mas de submetê-los a um novo método.

Trata-se de uma permanente rejeição de quaisquer espécies de entidades metafísicas, conceitos abstratos, categorias apriorísticas, princípios perpétuos, instâncias últimas, entes transcendentais, dogmas, entre outros tipos de fundações possíveis ao pensamento (POGREBINSCHI, 2005, p. 26).

Nesse sentido, os pragmatistas questionam as teorias que fundamentam o conhecimento no mundo externo, como o cartesianismo. Para esses filósofos, a racionalidade do método não pode depender da certeza de suas conclusões, mas de seu caráter autocorretivo através da aplicação contínua da investigação. Além disso, questiona-se as teorias que fundamentam o conhecimento no inconsciente. Pogrebinschi aponta que, para os pragmatistas, as ideias não são apenas abstrações e generalizações da experiência, mas constituem elementos importantes da mesma e não meramente interpretações dela.

No pragmatismo, portanto, não está em jogo a busca por coisas primeiras (princípios, categorias, supostas necessidades), mas a busca de coisas últimas (frutos, consequências, fatos). Tal raciocínio nos traz, então, à segunda característica da matriz pragmatista, o consequencialismo. Como o define Pogrebinschi, trata-se da insistência de olhar para o futuro e não para o passado – ainda que nunca o ignorando, mas sempre apontando para adiante. Para os pragmatistas, é buscando-se a antecipação de consequências que se produz conhecimento.

Outra reivindicação feita por Peirce, James e Dewey é a consideração das “[...] crenças políticas, religiosas, científicas, enfim, à cultura da sociedade e as relações que mantém com as instituições e práticas sociais” (POGREBINSCHI, 2005, p. 49). É por esse contextualismo, a terceira grande característica, que os pragmatistas enfatizam os fatos das experiências cotidianas, a relevância da concretude, o papel da comunidade e uma ideia de constante adaptação.

Pogrebinschi nota que nos textos de Dewey, o autor insiste que em qualquer período histórico existe um corpo de crenças, bem como instituições e práticas associadas a elas, e são nelas que estão implícitas as interpretações da vida e do mundo. E é justamente porque o contexto é algo tão evidente e inescapavelmente presente, tão arraigado às nossas vidas – *especialmente às nossas práticas comunicativas* – que, segundo Dewey (1980), o tomamos como dado e o ignoramos de certa forma. Conscientes dessa dificuldade, os pragmatistas defendem a necessidade do exame e da formulação dessas implicações de origem e de suas consequências, uma vez que todos os significados dos atos linguísticos, das proposições e das sentenças estão embebidos pela ideia do contexto. Dewey chega a afirmar que o objetivo da

reflexão filosófica é revelar e criticar as crenças e as práticas associadas a elas, organizá-las e testar sua coerência interna e tornar explícitas suas consequências.

De forma geral, percebemos como o pragmatismo vem para combater visões estáticas e limitadas sobre o mundo. Se, de acordo com Dewey, os homens historicamente se acostumaram a cultivar tudo aquilo que supostamente poderia lhes trazer a sensação de certeza diante de uma vida de incerteza em um mundo em permanente mutação – e a ciência é a instituição que por muito tempo se lançou à busca das fundações e do imutável (SANTOS, 2003) – é exatamente dessas incertezas e mutações, do dinamismo das relações entre o mundo e as pessoas, que os pragmatistas retiram a complexidade e a força de suas visões de mundo.

Além disso, a ideia de negação de coisas últimas nos parece bastante interessante, sem que isso possa parecer contraditório e comprometer nossa busca por um novo paradigma da comunicação. Ora, assim como tal negação ajuda a constituir a própria matriz do pensamento pragmatista, não se trata da suspensão anárquica e da suspeição cética de quaisquer tipos de bases de sustentação. Trata-se de uma consciência crítica inicial que permite ampliar os leques de percepção e compreensão e respeitar a própria complexidade dos fenômenos e das relações entre eles e os homens. A partir desse “método” (para usar o termo de James), ou dessa consciência, as próprias suspensão e suspeição são bem-vindas e até desejáveis, quando pensamos no caráter “autocorretivo” do pragmatismo, no sentido de permitir o atrito entre pensamento e mundo. Melhor ainda, no sentido de assumir esse atrito no corpo mesmo da investigação.

O paradigma praxiológico de Louis Quéré

No artigo *D'un modele épistemologique de la communication à un modele praxéologique*, Louis Quéré promove uma reflexão que retomou uma série de concepções importantes – inclusive da matriz pragmatista – e se mostrou muito importante para o pensamento comunicacional das últimas décadas. Nesse esforço, o autor está interessado em constituir um esquema conceitual para dar conta do mundo social voltado para a elucidação de problemas na análise conceitual, na formulação de teorias e na reflexão metodológica para os fenômenos da comunicação.

A todo o momento, Quéré faz um contraponto com uma tradição “epistemológica”, herdada do século XVII, que se constitui em termos de produção e transferência de conhecimento sobre o mundo e as pessoas e que é a base do modelo representacionista-informacional. A alternativa que Quéré defende é uma concepção da comunicação não como transferência de informação, mas uma interação que promove a *modelagem mútua de um mundo comum em meio a uma ação conjugada*. Nesse jogo, os interlocutores são mais do que simples emissores e receptores, são agentes de processos de produção e interpretação de sentidos.

O que é evidente na proposta de Quéré é uma crítica à separação entre o homem e o mundo promovida pela ciência moderna. Quéré afirma que é nas *relações* entre as pessoas e o mundo em que os sentidos são constituídos, ou seja, *nosso falar do mundo é constitutivo dele*. E justamente por se tratar de uma dinâmica onde os termos de uma relação se afetam mutuamente, *a relação é constitutiva dos seus termos*. Nesse sentido, Quéré insiste em uma abordagem “encarnada” da comunicação, uma vez que ela emerge em espaços e temporalidades próprios.

É importante observar que, para Quéré, as interpretações e ações das pessoas no e com o mundo são amparadas por quadros normativos compartilhados socialmente. Em outras palavras, os fenômenos são enquadrados, qualificados e julgados pelos sujeitos a partir de um conjunto de maneiras “normais” de ver as coisas que é subscrito em uma comunidade. Segundo Quéré, a própria organização de um curso de ação identificável, inteligível e comunicável requer dos atores que, na sua atividade organizante, mobilizem seu saber de senso comum e honrem suas expectativas normativas que eles fazem uns em relação aos outros e às definições da ordem das coisas que eles consideram legítimas. Como sintetiza Vera França (2001), o que está em jogo em uma visada comunicacional do mundo é a apreensão dos processos produzidos situacionalmente, manifestações singulares de prática discursiva e do panorama sócio-cultural de uma sociedade, não recortes de situações isoladas.

Nessa relação de constituição mútua da realidade e de interação, à linguagem é atribuída uma importância de grandeza maior, fundamental na própria compreensão que temos de nós mesmos e das nossas práticas ordinárias. De acordo com Quéré, é nela e por ela que nos é possível formular o horizonte de valores em função do qual orientamos e qualificamos nossas ações e nossas condutas interiores. Em vez de uma dimensão representativa, ela adquire uma dimensão expressiva e constitutiva. Para Quéré, portanto,

[...] compreender uma linguagem implica em outra coisa que estabelecer as condições de verdade de representações linguísticas de estados de coisas ou de acontecimentos, mas compreender as atividades sociais da qual é parte integrante, compreender aquilo que articula as práticas, as orientações e as relações das pessoas em uma “forma de vida” (QUÉRÉ, 1991, p. 77, tradução nossa⁵).

A partir disso, um gesto analítico sobre a linguagem no circuito comunicacional não pode se prender à sua manifestação superficial. Como conclui Vera França, é preciso identificar “[...] discursos, formas simbólicas que trazem as marcas de sua produção, dos sujeitos envolvidos, de seu contexto” (FRANÇA, 2001, s/p).

A matriz pragmatista é uma influência admitida para o modelo de Quéré. O próprio autor afirma que, assim como as teorias de Peirce, por exemplo, seu

⁵ “...comprendre un langage implique autre chose qu’établir les conditions de vérité de représentations linguistiques d’états de choses ou d’événements, à savoir comprendre les activités sociales dont il est partie intégrante, comprendre ce qui articule les pratiques, les orientations et les relations des gens dans une ‘forme de vie’”.

modelo é anti-dualista e anti-cartesiano, propondo uma aproximação praxiológica e emergencial das propriedades do mundo, do ser e do espírito. Compartilham também a percepção de que o conhecimento tem como sítio natural a ação, “[...] componente essencial de uma atividade organizante, pela qual são determinadas, recíproca e simultaneamente, o sujeito e o objeto, a ação e seu ambiente, e os sujeitos entre eles” (QUÉRÉ, 1991, p. 85, tradução nossa⁶).

Tendo em mente os pontos levantados até aqui, damos um passo em direção à especificidade de nosso objeto de pesquisa, os textos narrativos. Buscamos na seminal obra de Paul Ricoeur *Tempo e Narrativa* sua concepção hermenêutica de narrativa, não só pela riqueza dessa concepção, mas porque acreditamos que as bases do pensamento de Ricoeur podem se aproximar muito às reflexões que recuperamos até aqui. É importante ressaltar que suas discussões precedem as de Quéré – que Quéré é, inclusive, um leitor de Ricoeur – mas elas entram aqui como o articulador de uma reflexão mais ampla e um olhar mais localizado sobre um tipo específico de manifestação da linguagem. A nosso ver, essa passagem nos permite alcançar uma dimensão mais próxima de um objeto empírico, lugar de onde qualquer pesquisa em comunicação deve partir sem nunca perder seu esteio, e para onde se deve sempre retornar.

Além disso, se a teoria sociológica de Quéré pode parecer contribuir mais aos estudos das práticas e processos comunicacionais do que especificamente os estudos das linguagens e das estéticas dos *media*, especificamente das narrativas, podemos perceber como Ricoeur constrói uma teoria muito preocupada em articular a reflexão da poética das narrativas (o estudo da tessitura de suas intrigas) com dimensões simbólicas envolvidas e com o momento da experiência do interlocutor para a constituição das narrativas.

A narrativa segundo Paul Ricoeur

Em seu tratado sobre as narrativas, Ricoeur empreende um mergulho filosófico na compreensão das relações entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana. Nas palavras do autor, nas quais reside a grande tese de sua obra, ele defende que “*o tempo torna-se humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição de experiência temporal*” (RICOEUR, 1994, p. 85, grifos do autor). É nesse lugar que Ricoeur empreende sua discussão, em busca dos processos de organização humana do tempo e das experiências temporais dentro das quais as narrativas se inserem. O filósofo não se satisfaz com uma concepção de narrativa que a enxerga apenas como uma ordenação consecutiva de ações e desdobramentos, e menos ainda como um tipo de texto levantado sobre uma estrutura, mas como um complexo movimento de operações miméticas.

Ricoeur se afasta de uma concepção de *mimese* que a traduz como imitação ou representação ligada tradicionalmente às ideias de cópia, réplica do

⁶ “...composante essentielle d’une activité d’organisation, par laquelle sont déterminés, réciproquement et simultanément, le sujet et l’objet, l’action et son environnement, et les sujets entre eux”.

idêntico. Afasta-se, por exemplo, de uma concepção platônica, para valorizar aquilo que Aristóteles aponta na atividade mimética: o fazer humano, as artes de composição. Para Ricoeur, portanto, a *mimese* tem o importante papel de mediação entre tempo e narrativa, e para uma percepção alargada e complexa desse processo, ele a decompõe reflexivamente em três instâncias articuladas.

Segundo Ricoeur, a constituição da tessitura da intriga abre o mundo da composição poética e institui a literariedade da obra. Esse processo de *configuração*, o autor chama de *mimese* II. Para ele, o sentido da operação configurativa da narrativa resulta de sua posição intermediária entre o que ele chama de *mimese* I (*prefiguração*) e *mimese* III (*refiguração*). Essa percepção tríplice da *mimese* nos parece bastante interessante e enriquecedora.

Qualquer que possa ser a força de inovação da composição poética no campo da nossa experiência temporal, Ricoeur afirma que ela está enraizada numa *pré-compreensão do mundo e da ação*, “de suas estruturas inteligíveis, de suas fontes simbólicas e de seu caráter temporal” (RICOEUR, 1994, p. 88). Por isso, “imitar” ou “representar” a ação é, primeiro, pré-compreender o que ocorre com o agir humano, com sua semântica, sua simbólica e sua temporalidade. E para o autor, é sobre o domínio dessa pré-figuração (*mimese* I), comum ao poeta e a seu leitor, que se ergue a tessitura da intriga.

A tessitura da intriga, portanto, engendra sua inteligibilidade em um conjunto de ancoradouros. Um deles é na nossa competência (que Ricoeur chama de *competência prática*) de utilizar de modo significativo a trama conceitual da ação, a linguagem do “fazer” e a tradição cultural da qual precede a tipologia das intrigas. Nossa competência de reconhecer na ação estruturas temporais que exigem narração é outro desses ancoradouros – a maneira pela qual, segundo Ricoeur, a práxis cotidiana ordena, um em relação ao outro, o presente do futuro, o presente do passado, e o presente do presente⁷.

Um terceiro e também muito importante tipo de ancoradouro da composição narrativa reside nos recursos simbólicos do campo prático. Como afirma Ricoeur, se a “ação pode ser narrada, é porque ela já está articulada com signos, regras, normas: é, desde sempre, simbolicamente *mediatizada*.” (1994, p. 91, grifos do autor). Segundo Ricoeur, as formas simbólicas não estão no espírito, não são operações psicológica destinada a guiar a ação. São processos culturais que articulam a experiência, significações incorporadas à ação e decifráveis nela pelos outros atores do jogo social. O simbolismo, portanto, confere à ação uma primeira legibilidade, introduzindo uma ideia de regras de descrição e de interpretação para ações singulares, além de um sentido prescritivo, normativo. A partir dessas regras e normas circulantes em uma cultura, as ações podem ser estimadas ou apreciadas, julgadas segundo uma escala de preferência moral em função de uma hierarquia de valores. É por isso que Ricoeur afirma que a poética não cessa de tomar empréstimos da ética.

⁷ Ricoeur se baseia aqui na concepção do tríplice presente agostiniano para dizer da experiência do tempo das pessoas, e explora essa concepção pormenorizadamente no primeiro tomo de *Tempo e Narrativa*.

Na perspectiva ricoeuriana, portanto, todos esses elementos devem ser levados em conta como ações pré-configurantes dos processos miméticos de uma narrativa. “Compreender um rito é situá-lo num ritual, este num culto e, pouco a pouco, no conjunto das convenções, das crenças e das instituições que formam a trama simbólica da cultura” (RICOEUR, 1994 p. 92).

Quanto à configuração das narrativas (*mimese* II), Ricoeur evidencia o primado da *atividade produtora* de intrigas, em contraposição com qualquer espécie de estruturas estáticas de paradigmas acrônicos e invariantes intemporais. Trata-se de uma crítica contundente a uma concepção tradicional de narrativa que, diante da instabilidade do durável, busca fundar a perenidade da função narrativa em regras de jogo subtraídas às intrigas. Para ele é preciso perceber o caráter dinâmico da operação de configuração “que nos fez preferir o termo da tessitura da intriga ao de intriga e o de disposição ao de sistema. Todos os conceitos relativos a esse nível designam, com efeito, *operações*” (Ricoeur, 102, grifos nossos).

Nessa dinâmica configurante, Ricoeur diz que, por um lado, a tessitura da intriga é mediadora porque faz a mediação entre acontecimentos ou incidentes individuais e uma história considerada como um todo, extrai de uma simples sucessão uma configuração; ela também é mediadora porque compõe juntos fatores heterogêneos, como agentes, fins, meios, interações, circunstâncias etc., fazendo-os aparecer numa ordem sintagmática; além disso, é mediadora por realizar uma composição entre os caracteres temporais do contar e os tempos da história contada, realizando o que o autor chama de síntese do heterogêneo. E é o caráter dinâmico da intriga que faz com que os termos de cada instância de mediação não possam ser tomados independentemente – como o faz a análise estrutural da narrativa.

Em outro sentido, a composição narrativa como caráter intermediário no processo mimético tem papel de mediador entre um estágio de experiência prática que a precede e um estágio que a sucede, o momento de leitura, de reconfiguração, de *mimese* III. Nos termos do filósofo, a *mimese* II só abre o reino do *como-se*. É na experiência da leitura que a narrativa se realiza, na *interseção* de um horizonte do texto e um do leitor, de um mundo do texto e um mundo do leitor. Ricoeur não ignora a importância de se pensar em um leitor previsto pela obra, como o fizeram Wolfgang Iser (1996) ao falar de um leitor implícito ou Umberto Eco (1986) ao falar de um leitor modelo (cada conceito com algumas especificidades próprias). Mas o filósofo não se contenta com essas abordagens para uma compreensão global das narrativas uma como forma de experiência temporal. O estudo da poética de uma obra que procura entender como ela se articula e se projeta para um leitor, como ela oferece um mundo a ser habitado – movimento intrínseco do texto que Ricoeur chama de *transcendência imanente* – constitui somente o início para uma teoria da *mimese* III. Mais do que ter contato com o “mundo do texto”, o leitor se *apropria* dele. Mais do que o atualizar, ele o realiza.

Muitos estudos das narrativas mantiveram seus olhares fixos no texto e lavaram as mãos com relação ao leitor real. Como se este fosse de tal maneira instável e inapreensível que não caberia aos estudos das obras permitir que ele abalasse suas estruturas tão sólidas. Ricoeur insiste em tentar buscar em sua

compreensão das narrativas a *montante* e a *justante* do texto, reconstruindo o arco das operações pelas quais a experiência prática se dá. É preciso investigar “[...] o conjunto das operações pelas quais uma obra eleva-se do fundo opaco do viver, do agir e do sofrer, para ser dada, por um ator, a um leitor que a recebe e assim muda seu modo de agir” (RICOEUR, 1994, p. 86). Na concepção ricoeuriana, o leitor é o operador por excelência que assume, por seu fazer, a realização do percurso da *mimese* I a *mimese* III através de *mimese* II. Como afirma o autor, “[...] a narrativa tem seu sentido pleno quando é restituída ao tempo do agir e do padecer em *mimese* III” (RICOEUR, 1994, p. 110).

Podemos perceber que ao pensar em narrativas, Ricoeur está falando de um complexo fenômeno de interação. Ainda que empreenda uma contenda fundamentalmente filosófica em sua obra, Ricoeur revela um universo narrativo que é profundamente pragmático e que é bastante caro para um olhar relacional das narrativas. Se a tessitura da intriga pode ser entendida, segundo o filósofo, como um ato do juízo e da imaginação produtora, isso se explica “[...] na medida em que esse ato é a obra conjunta do texto e de seu leitor, como Aristóteles dizia que a sensação é a obra comum do sentido e de quem sente” (RICOEUR, 1994, p. 118).

Considerações finais

A partir das contribuições de Ricoeur, podemos concluir que para se compreender a força e a importância desses fenômenos de interação é preciso perceber *como o mundo se inscreve em narrativas, como as narrativas criam nossas possibilidades de experiências, como as experiências se dão com as pessoas e como as pessoas atuam sobre o mundo de forma a resignificá-lo e reconstituí-lo*. É a compreensão desses processos que pode nos sustentar, inclusive, para a iluminação de questões mais específicas que cada investigação levanta. E se todo esse percurso pode ser desmembrado para fins sistemáticos e analíticos, é preciso não deixar de compreendê-lo como uma complexa trama de relações do homem com o mundo – em outras palavras, se Ricoeur nos permitiria dizer, como um *circuito comunicacional*.

Essa compreensão relacional dos homens e os fenômenos parece-nos a principal chave de ligação entre Ricoeur, Quéré e a matriz pragmatista, e a principal contribuição que buscamos reter. A busca da compreensão dessas relações se opõe a uma operação racionalista que cerca o mundo de certezas para identificar termos e inseri-los em uma equação. Não por acaso são recorrentes nesses autores aqui reunidos as noções de *atividade, práxis, dinamismo* e *processo*, e o combate a princípios estáticos, estruturas e apriorismos. Ligada a isso, também, está a natureza do empreendimento que esses pensadores traçam: não o resgate de um fundamento original, muitas vezes abstrato, que explique os fenômenos, mas a tentativa de apreender os fenômenos em interação com um contexto global de forma a compreender seus desdobramentos.

Também é comum aos autores aqui tratados a consciência da extrema complexidade de cada fenômeno. É notório, portanto, a valorização da emergência concreta dos fenômenos com suas características, temporalidades e

contextos particulares. Mais uma vez, isso não significa isolar os fenômenos em situações ideais, mas apreendê-los enquanto manifestações únicas dentro de uma rede de relações. Nesse sentido, é fundamental considerar os atores como agentes e sofrendores das práticas comunicativas, afetando-se mutuamente, ao invés de uma lógica baseada em termos de produtor-receptor. Além disso, a linguagem se insere nesse processo não mais como “mensagem”, mas como um agente no próprio processo de constituição de sentidos.

Como não poderia deixar de ser, a partir de tudo isso, a revelação dos quadros éticos e das referências comuns que fundam uma compreensão de mundo dos membros do processo comunicativo e, conseqüentemente, da linguagem que eles produzem (e os textos narrativos são um tipo de manifestação dela) é fundamental. E isso não no sentido de reconstituir um pano de fundo, mas de entender a comunicação como processo vivo na cultura. Nesse sentido, os estudos em comunicação das narrativas justificam-se pelo caráter dialógico de interrupção e de abertura que elas possuem.

É por enxergar essa potência das narrativas que Ricoeur chega a falar que tanto a ficção se inspira na história quanto a história na ficção, uma vez que devemos em grande medida a ampliação de nosso horizonte de existência a estas obras. Isso porque, do processo, não saímos ilesos. Cabe lembrar aqui a metáfora que Dewey se utiliza para falar da experiência, a da pedra que rola ladeira abaixo e que, ao mesmo tempo em que interfere por onde passa, vai se modificando pelo caminho. Enquanto leitores de narrativas, somos ao mesmo tempo pedra e ladeira. Se habitamos o mundo das narrativas e os enchemos de vida, ao mesmo tempo, mais uma vez (e não por acaso) parafraseando Ricoeur, nosso mundo é o conjunto de referências abertas pelos textos que lemos, interpretamos e amamos.

Referências

- DEWEY, John. **Experiência e natureza**; Lógica: a teoria da investigação; A arte como experiência; Vida e educação; Teoria da vida moral. São Paulo: Abril Cultural, 1980
- ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FRANÇA, Vera Veiga. 2002. **L. Quéré**: dos modelos da comunicação. Belo Horizonte, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, mimeo.
- _____. **Paradigmas da comunicação**: conhecer o quê? Ciberlegenda, Niterói: UFF, v. 5, 2001.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Vol.1, Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- POGREBINSCHI, Thamy. **Pragmatismo**: teoria social e política. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 2005.
- QUÉRÉ, Louis. **D'un modèle épistemologique de la communication à un modèle praxéologique**. Réseaux, 46/47, Paris, Tekhné, mar-abril 1991. p. 69-90

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** – Tomo I. Campinas: Papyrus, 1994.

_____. **Tempo e narrativa** – Tomo II. Campinas: Papyrus, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo:
Cortez, 2003.